

An aerial, black and white photograph of a rowing team on a body of water. The rowers are arranged in a line, and their oars create a rhythmic pattern of dark lines across the light-colored water. The name 'MAURICIO PEREIRA PRAMARTE' is printed in a bold, white, sans-serif font across the middle of the image, partially overlapping the rowers and their oars.

**MAURICIO PEREIRA PRAMARTE**

## 1- **Pra Marte** - 4:53

Spin BR-S5D-07-00001

(letra: Mauricio Pereira /

música: Daniel Szafran)

violão de aço **Luiz Waack**

violão de nylon **Tonho Penhasco**

voz, sax tenor **Mauricio Pereira**

pandeiro, caxixi **Skowa**

beijar-te e fazer sentido  
querer-te  
e me sentir feito um foguete  
que prosseguiu subindo  
pra Marte  
onde te viu sorrindo  
é lindo  
um foguete querer-te e ter-te  
e infindo  
o dever de beijar-te as partes do mundo  
em que escondes teus pensamentos  
profunda  
devoção sem nenhum respeito  
pressinto  
que é o amor se chocando a um tempo de espanto  
de beijar-te e se ver  
sentindo o encanto  
de beijar-te e fazer sentido

## 2- **Motoboys, Girassóis, etc. e tal** - 2:54

Spin BR-S5D-07-00002

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

voz **Skowa**

eu tenho minha musa na calçada  
andar por São Paulo  
horas e minutos me prensam  
e eu tenho tempo pra pensar à vontade  
contra a minha vontade  
assaltado por tesouros da minha cidade  
maldita variedade incrível  
diamantes brutos  
todos putos  
interrompidos  
trancados no cofre  
juniors, curumins e mirins  
que a cidade constrói

motoboys  
girassóis  
etc. e tal

### 3- Ser Boi - 4:33

Spin BR-S5D-07-00003

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

ir pra Minas e ser boi lá

mascar, pastar, sorrir, pensar

olhar de rabo de olho

(se é que boi tem isso)

os carros voando na BR

tentar perceber o motor

essas pessoas que têm alma

eu me pergunto por quê

elas vêm e vão para Brasília

em tamanha velocidade

ser a encarnação do boi

esperar a minha hora chegar

sem pressa e sem pressão

divagar bem devagarinho

fixar o olhar no horizonte  
encarar demoradamente  
se perder da noção da hora  
ralar o chifre no mourão da cerca  
sorrir e ser boi  
sorrir e ser boi em Minas  
sorrir e estar em Minas  
(sorrir e pisar em Minas)

e enxergar além da cerca  
sonhar pra além da colina  
daquela gente toda na BR  
além do limite de velocidade

sorrir ao respirar  
curtir a gramática  
viver a dialética  
o bafo quente do pasto

mugir graúdo à sombra desta velha  
e majestosa mangueira carregadinha  
(fazer mil versos como esse anterior)  
pastar, sorrir, pensar, olhar

um coração de boi  
sem prece, sem perdão  
sangrar no arame farpado  
chifrando algo ou alguém

concluir o mundo e senti-lo  
concluir o mundo a senti-lo  
me excluir do mundo, tranquilo  
minhocar sobre as razões das gentes

te olhar e babar  
em você, em mim ou no capim  
calar e compreender  
te olhar e pastar

mugir pro céu e agradecer  
querer reverenciar  
este momento singelo  
de comer quieto com o anu nas costas

sorrir e balançar  
sorrir e balançar a cabeça  
desatinar que nessa mesma hora  
toda aquela gente estoura

os limites da velocidade  
a estrada deserta atrás da cerca  
aquilo que parece ser  
o motor das pessoas

ir pra Minas e ser boi lá

#### 4- Trovoa - 5:23

Spin BR-S5D-07-00004

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

violões de aço e nylon **Tonho Penhasco**

guitarra **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

minha cabeça trovoa  
sob meu peito te trovo  
e me ajoelho  
destino canções pros teus olhos vermelhos  
flores vermelhas, vênus, bônus  
tudo o que me for possível  
ou menos  
(mais ou menos)  
me entrego, ofereço  
reverencio a tua beleza  
física também  
mas não só  
não só

graças a Deus você existe  
acho que eu teria um troço  
se você dissesse que não tem negócio  
te ergo com as mãos  
sorrio mal  
mal sorrio

meus olhos fechados te acoçam  
fora de órbita  
descabelada  
diva  
súbita...  
súbita...

seja meiga, seja objetiva  
seja faça na manteiga  
pressinto como você chega  
ligeira  
vasculhando a minha tralha  
bagunçando a minha cabeça  
metralhando na quinilhanaria  
que carregou comigo  
(clipes, grampos, tônicos):  
toda a dureza incrível do meu coração  
feita em pedaços...

minha cabeça trovoa  
sob teu peito eu encontro  
a calma e o silêncio  
no portão da tua casa no bairro  
famílias assistem tevê  
(eu não)  
às 8 da noite  
eu fumo um marlboro na rua como todo mundo  
e como você

eu sei  
quer dizer  
eu acho que sei...  
eu acho que sei...

vou sossegado e assobio  
e é porque eu confio  
em teu carinho  
mesmo que ele venha num tapa  
e caminho a pé pelas ruas da Lapa  
(logo cedo, vapor... acredita?)  
a fuligem me ofusca  
a friagem me cutuca  
nascer do sol visto da Vila Ipojuca  
o aço fino da navalha me faz a barba  
o aço frio do metrô  
o halo fino da tua presença

sozinha na padoca em Santa Cecília  
no meio da tarde  
soluça, quer dizer, relembra  
batucando com as unhas coloridas  
na borda de um copo de cerveja  
resmunga quando vê  
que ganha chicletes de troco

lebrando que um dia eu falei  
“sabe, você tá tão chique  
meio freak, anos 70  
fique  
fica comigo  
se você for embora eu vou virar mendigo  
eu não sirvo pra nada  
não vou ser teu amigo  
fique  
fica comigo...”

minha cabeça trova  
sob teu manto me entrego  
ao desafio de te dar um beijo  
entender o teu desejo  
me atirar pros teus peitos  
meu amor é imenso  
maior do que penso  
é denso  
espessa nuvem de incenso de perfume  
intenso  
e o simples ato de cheirar-te  
me cheira a arte  
me leva a Marte  
a qualquer parte  
a parte que ativa a química  
química...

ignora a mímica  
e a educação física  
só se abastece de mágica  
explode uma garrafa térmica  
por sobre as mesas de fórmica  
de um salão de cerâmica  
onde soem os cânticos  
convicção monogâmica  
deslocamento atômico  
para um instante único  
em que o poema mais lírico  
se mostre a coisa mais lógica

e se abraçar com força descomunal  
até que os braços queiram arrebentar  
toda a defesa que hoje possa existir  
e por acaso queira nos afastar  
esse momento tão pequeno e gentil  
e a beleza que ele pode abrigar  
querida nunca mais se deixe esquecer  
onde nasce e mora todo o amor

5- **Um Tango** - 3:50

Spin BR-S5D-07-00005

(letra: Mauricio Pereira / música: Arthur de Faria)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra e violão de nylon **Tonho Penhasco**

guitarra e guitarra portuguesa **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

órgão **Daniel Szafran**

a primeira vez que o homem pisou na lua  
ele já foi pulando  
sorriso maroto sob o capacete  
fazia contente manobras de skate

é a primeira vez que eu danço no ar  
e danço tangos  
giramos eu e você  
pra quase desfalecer

é a primeira vez que eu falo espanhol  
em muitos anos  
e eu tenho que caprichar  
a lábua é pra te agradar

é a primeira vez  
que eu só vejo você em todo canto  
segundo meu oculista  
não há problemas à vista

é a primeira vez  
que você me pendura em suas tranças  
e sai balançando  
que nem chapéu mexicano  
em parque de diversão

.....  
é a primeira vez  
que só vejo você em todo canto  
segundo meu analista  
não há problemas à vista

é a primeira vez  
que você me pendura em suas tranças  
e sai balançando  
que nem chapéu mexicano  
em parque de diversão

## 6- Pranto Para Comover Jonathan - 3:06

Siciliano / Spin BR-SSD-07-00006

(poema de Adélia Prado musicado por Mauricio Pereira)

— in Poesia Reunida, de Adélia Prado, Editora Siciliano,

São Paulo/SP © by Adélia Prado

violão de nylon **Tonho Penhasco**

guitarra portuguesa **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

Os diamantes são indestrutíveis?

Mais é meu amor.

O mar é imenso?

Meu amor é maior,

mais belo sem ornamentos

do que um campo de flores.

Mais triste do que a morte,

mais desesperançado

do que a onda batendo no rochedo,

mais tenaz que o rochedo.

Ama e nem sabe mais o que ama.

## 7- A Loira da Caravan - 5:35

Spin BR-SSD-07-00007

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria, percussão **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

violão de nylon **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

foi voltando pela estrada  
de um show em Bauru  
era quase meia-noite  
e eu cansado pra xuxu  
ao meu lado Paulo Freire  
violeiro sem igual  
testemunha incontestável  
dessa história abismal

numa curva lá da serra  
descendo pro rio Tietê  
o carro desgovernou  
sem que eu soubesse por quê  
capotou 5 ou 6 vezes  
achei que nós ia morrer  
foi bater numa mangueira  
eu só vi manga descer

.....



o Paulinho olhou pra mim  
vi que ele estava bem  
tocou a sua viola  
que soava bem também  
fui andando até a estrada  
para procurar ajuda  
e uma caravan parou  
com uma dona cabeluda

sua voz era bonita  
muito rouca e sensual  
logo me envolveu com os braços  
perguntou: “cê tá legal?”  
a noite era muito escura  
e não dava bem pra ver  
mas que ela tava gelada  
isso eu pude perceber

.....  
eu fiquei arrepiado  
bem no meio do verão  
seus lindos cabelos loiros  
não sentiam compaixão  
eu fiz o sinal da cruz  
mas aquela cortesã  
já estava me arrastando  
para a sua caravan

ainda estava atordoado  
pela bruta colisão  
inclusive preocupado  
se o Paulinho estava bom  
ela me beijou na boca  
“não preocupa com ele, não:  
vamo namorá gostoso  
nessa baita escuridão”

.....  
eu achei interessante  
ela me beijar sem dó  
só que os beijos que ela dava  
tinha gosto de jiló  
porém noite igual aquela  
não acontece todo dia  
‘proveitei bem o momento  
pra namorar a vadia

a sua pele macia  
fez o meu sangue subir  
suas pernas me enrolava  
feito uma sucuri  
fui beijar o seu pescoço  
ela veio me impedir  
“nunca olhe no meu olho”  
ela disse para mim

nós já estava no bambom  
pitando um bom cigarrinho  
o remorso me acordou  
“xi, eu esqueci do Paulinho!”  
o coitado lá no carro  
no fundo da ribanceira  
e eu aqui me divertindo  
já passou uma noite inteira

sem querer pulei pro lado  
qualquer coisa eu enganchei  
e o cabelo brilhante  
por acaso eu arranquei  
“a mulher não tem cabeça!”  
e voou pra a eternidade  
o carro sumiu também  
eu juro que isso é verdade

.....  
mas que cena horripilante!  
fui pensando no caminho  
vão dizer que eu tou maluco  
que é que eu falo pro Paulinho?  
e é então que eu vejo ele  
tocando seu instrumento  
pruma moça que dançava  
pulando que nem jumento

eu gritei “nossa senhora!  
sai de mim alma penada!”  
comé que isso é possível  
se inda agora lá na estrada  
vi ela sair voando  
bufando descabelada  
com sua caravan de prata  
‘tropolando a madrugada

.....  
foi então que aquela cena  
outra vez aconteceu  
uma corda da viola  
enroscou o cabelo seu  
a loira saiu voando  
cabeça não tinha ali  
eu fiquei de boca aberta  
Paulinho também, que eu vi

nós ficamos em silêncio  
empurramo o carro pra estrada  
movimento se formando  
já raiava a alvorada  
inda sem dizer palavra  
fomos voltando pra casa  
com o coração por dentro  
consumindo feito brasa

.....

num posto de gasolina  
na cidade de Pardinho  
fomos tomar um café  
espertar devagarinho  
de repente um sentimento  
que sobrou daquela noite  
foi se apresentando claro  
estralando feito o açoite

não tem mesmo escapatória  
capricho da natureza  
ver que o destino do homem  
é confrontar com a tristeza  
de arrastar essa saudade  
densa, turva, escura, espessa  
de querer beijar a boca  
de uma loira sem cabeça

## 8- Toscana - 5:17

Spin BR-S5D-07-00008

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz, sax soprano **Mauricio Pereira**

canzoni triste e ovvie  
che parlano di saudade  
quem tá cantando elas?  
(eu escuto de longe)

canzoni cantate in riva al mare  
(dove non c'e mare)  
canzoni che riportano ricordi sorridenti  
di ragazzini chiassassi ma già svaniti...  
pequenas idéias  
desaparecidas juntas  
desaparecidos juntos  
desaparecidos pequenos  
pequenos espaços  
no vácuo que eu carrego em mim há  
tempos...

insomma  
ci manca qualcosa  
não tenho por quê brincar:  
cadê a algazarra louca  
de quei vecchi giovani compagni?

canzoni di poche note  
poche parole  
– de penumbras –  
che si cantano ad occhi chiuse  
che si ascoltano ad occhi chiuse  
que se fazem sentir...  
che fanno il cuore denso:  
que fazem do coração um forno aceso

e eu tambem sei cantar  
(algumas vezes eu até sou capaz de cantar...)  
e alcune volte canto, canto...  
canto  
canções antigas em línguas mortas  
e ao cantar fecho os olhos  
e eles me levam direto a você entre as nuvens  
(direttamente a te tra le nuvole...)  
che non mi lascian veder il mare  
(dove non c'è mare...)  
que reflete a lua  
(quando non c'e luna...)  
ma lo so che c'è  
(c'è mare... c'è luna...)  
chi lo sa...

ed ogni canzone é una calda lettera  
che ti scrivo mentalmente  
lentamente  
senza parole  
cartas borradas pela maré  
e as letras viram manchas de azul

(lacrime blu versate da occhi chiusi)  
que jamais vertem lágrimas  
que apenas vêem mar  
(onde não tem mar...)

mar onde não tem mar

ainda mentalmente  
(lentamente...)  
però ancora ad alta voce  
(intensamente...)  
continuo cantando  
queste canzoni ancestrali  
poche parole  
poche note  
melodia nenhuma...  
(canções das quais só se escuta os silêncios)  
canzoni che parlano de saudade  
vc sabe o q é?  
saudade...

e eu sinto tua presença  
aqui  
agora  
bem forte  
aqui  
qui...  
- Abbracciami!

e ganho um abraço onde não tem abraços...  
tua temperatura, teu peito, teu ventre  
o teu tamanho, a penugem do teu pescoço  
todo o tempo que dura  
– e todo o comprimento –  
da tua respiração  
eu sinto

eu sinto  
no corpo e no espírito  
un'allegria intensa  
o calor delirante  
dentro e fora de mim

sozinho e com você  
com você  
(onde não tem você...)  
in riva al mare  
(dove nun c'è mare...)  
dove non c'è mai stato  
onde jamais houve  
(mas eu sei que tem...)

insomma:

chi lo sa?

## 9- **Responde Visconde** - 2:52

Spin BR-S5D-07-00009

(letra e música: Mauricio Pereira)

violão de nylon **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

vozes **Mauricio Pereira**

responde Visconde, responde Visconde  
se a ventania

vai voar na minha cabeleira  
feito a tesoura da cabelereira

responde Visconde, responde Visconde  
se a raiz quadrada

transforma a árvore num labirinto  
onde trepa a molecada

responde Visconde, responde pra mim  
qual é a fórmula  
do pó de pirlimpimpim

responde Visconde, responde Visconde  
porque é que um circo  
tem tanta bagunça e tanta brincadeira  
que embanana o mico  
responde Visconde, responde Visconde  
se o arco-íris

vai colorir com suas 7 cores  
o caminho que seguires

responde Visconde, responde pra mim  
qual é a fórmula  
do pó de pirlimpimpim

responde Visconde, responde Visconde  
responde pra a gente  
como é que uma simples espiga de milho  
pode ser tão inteligente?

## 10- **Quieto Um Pouco** - 4:22

Spin BR-S5D-07-00010

(letra: Mauricio Pereira / música: Dino Vicente)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

violão de nylon **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz, sax soprano **Mauricio Pereira**

difícil notar  
a idade que eu tenho  
quando eu tô vivendo  
difícil dizer  
se é saudade que eu tenho  
quando eu tô sentindo

vai amanhecer vou por aí sozinho  
é...

difícil de crer  
a certeza que eu tenho  
quando eu tô tentando  
difícil breçar  
a alegria do vinho  
quando eu tô te vendo

vai amanhecer vou por aí sozinho  
é...

eu vou caminhar  
só  
vou subir um morro  
olhar pra a cidade  
ficar quieto um pouco  
.....

difícil conter  
tanta coisa que eu tenho  
quando eu tou vazio

## 11- **Truques com Facas** - 4:38

Spin BR-S5D-07-00011

(letra e música: Mauricio Pereira)

guitarra **Tonho Penhasco**

violão de aço **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

onde você aprendeu esses truques com facas?  
você me corta de vez em quando  
de vez em quando

você me cobre com um manto de veludo  
me aquece, me faz parecer um rei  
um rei que eu não sou

vc me prende com um beijo tão cansado  
e eu sou os lábios de outro alguém  
quem?

você me encanta com canções tão tristes  
que o meu coração quer bater devagar  
até quase parar

são truques com facas  
que soltam faíscas  
são truques com facas  
são jogos, são iscas  
são truques com facas  
que soltam faíscas  
vêm reto pro peito  
e não deixam pistas

## 12- **Um Tecotec Amarelo em Chamas** - 3:12

Spin BR-S5D-07-00012

(letra: Mauricio Pereira / música: Arthur de Faria)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra **Tonho Penhasco**

guitarra **Luiz Waack**

voz **Mauricio Pereira**

um tecotec abatido em chamas  
eu sinto o clangor da morte  
voando por instrumentos  
amasso cartões postais

um tecotec abstrato em chamas  
eu sinto o calor das pistas  
suando sem instrumentos  
agudos sons de cristais

um tecotec aturdido em chamas  
eu sinto o pavor das alturas  
respiro por instrumentos  
perfil contra o pôr-do-sol

o tico e o tecotec explodindo em chamas  
eu sinto sabor de mangas  
devero sete instrumentos  
pagão numa catedral

um tecotec amarelo em chamas

## 13- **Penhasco** - 6:19

Spin BR-S5D-07-00013

(letra e música: Mauricio Pereira)

bateria **Leandro Paccagnella**

baixo **Mano Bap**

guitarra **Tonho Penhasco**

guitarra **Luiz Waack**

voz cantada **Mauricio Pereira**

voz falada **Alice Ruiz**

A cidade me paga. Me paga algum dinheiro  
qualquer pra que tarde da noite na madrugada  
de algum dia de semana eu saia da cidade e me  
mantenha quieto e só contra a escuridão quieta e  
só da noite quieta e estrelada ou não.

A cidade me paga. Me paga algum dinheiro  
qualquer pra que eu vá sentar lá no penhasco, ali  
um pouco além, junto do mar. Pra que exatamente  
eu fique ali um pouco além dos limites da cidade  
(que repousa já não tão à beira-mar...). Ali.  
Vigilante. E num certo sentido, alheio.

É no breu que aflora o marulho vibrante. As  
baixas frequências. O vento frio é doce e obedece  
à vida noturna: que tipo de resposta eles tão  
querendo que eu arranje imediatamente? Será  
que eu sou só café-com-leite?

A cidade me paga. Me paga algum dinheiro qualquer, e fica tudo por minha conta, tudo surdo, tudo apegado: a brisa do mar – agora chorosa – volta a cantar. Me conta de flores (já que as estrelas estão esgotadas). A meia-lua não entra. Meia-noite e meia. E nada.

Rastros de nada, nada de certeza reta. Feliz ou infelizmente, perguntas e mais perguntas. Esses leques de perguntas não têm fim, são simples e sem resolução. Matemáticas que não dependem de mim.

E eu volto pra a cidade com leques de perguntas sem fim. Sem chance. Eles querem respostas, propostas, fatos, qualquer coisa visível a olho nu. Um simples refrão já resolve, mata de contentamento. Mas por ora o que temos são perguntas.

Pergunta, resposta, coisa nenhuma, ninguém: eventualmente o vazio espesso sugere a sensação da presença ou da ausência de um deus. E ele esteve ali, agora mesmo, aos urros. E não deixou rastro um segundo depois (tendo ou não estado ali um segundo atrás).

E uma breve vez os ruídos no precipício foram sussurros de namorados. Eu me atirei

pra a cidade, alegre. Dúzias de canções de amor na mão. Canções em que todos são felizes para sempre. Por quase um dia ou dois.

Não.

Na noite seguinte eu já confrontava a figura do penhasco na friagem marítima e a palavra especular tornava a ter o sentido justo de uma noite alguém sair do centro da cidade, transpor as muralhas, ir reto e lerdo pro centro da noite e nas beiradas do penhasco se tornar micróbio, respirar fundo e, sem pestanejar, saltar ligado, com os olhos bastante arregalados, rumo a novas coisas nenhuma. Esquadrinhar com as unhas um momento de pedra antes que ele atinja a velocidade do infinito. Ir dar de cara com rochedos incertos, costões antigos, o gosto salgado – gelado – das tais perguntas de sempre. Possíveis ou impossíveis de fazer. Possíveis ou impossíveis de se perceber quais são. Possíveis ou impossíveis de se entender onde querem chegar.

E se incrustar à não presença largada lá, lembrando, mais que escondendo, o quê e quem nos chegou pelas praias. Lágrimas de saudade. Lágrimas de remorso. Sua cabeça eternamente baixa. E um olhar que, enquanto isso, media possibilidades...



A cidade me paga. Me paga algum dinheiro qualquer pra que tarde da noite, no meio da madrugada, eu saia da cidade quieto e só e vá penetrar a vertigem a seco, e vá perder o equilíbrio sobre o penhasco, além dos limites da cidade, tipo assim um farol desnorreado que chorasse de dor ao perceber que tenta clarear um caminho que não tem o poder de enxergar com a alma.

Vigilante e mais além.

Imóvel e mais além.

Quietos e mais além.

Só e mais além.

Nada. E mais além.

## 14- **O Dourado** - 2:10

Spin BR-S5D-07-00014

(letra e música: **Mauricio Pereira**)

violão de aço **Luiz Waack**

violão de nylon **Tonho Penhasco**

voz **Mauricio Pereira**

voz **Andr Abujamra**

já é meio-dia no meio do rio  
um raio de ouro atravessa a corrente  
seu nome é uma lenda, provoca assobio  
de todos os peixes ele é o mais valente

se eu fosse dourado eu fazia barulho  
mostrava o meu manto coberto de orgulho  
nadava com força contra a correnteza  
pra ver se encontrava onde mora a beleza

dourado gigante que pula pro céu  
cometa brilhante arrastando seu véu  
êta peixe vivo, mais vivo que a vida  
inunda o horizonte com a luz refletida

dourado na água, banhado no sol  
sem medo de nada, faz pouco do anzol  
na sua morada longe da cidade  
o peixe de ouro vive em liberdade

## Agradecimentos

As irmãs Andrea e Mônica Lopes, o Natale, meu mano e filósofo otimista, a Cristiane Olivieri e a turma da Olivieri e Signorelli (Super Lenora, Priscila, Willian, Paula), a Marina, q junto c/o Luizinho meio me adotou durante a gravação, os queridos Dino Vicente e Pena Schmidt, indispensáveis, os superconvidados André, Skowão, Alice e Daniel (parceirão de Pra Marte), o rei Arthur de Faria de Porto Alegre, o Zé Luiz do Villaggio, sempre um parceiro, o meu irmão Márcio, q catou a produção a unha, o super gentleman Cristiano Mascaro e o retrato em branco e preto, a Rosangela da revelação, a Cibebe do bureau, o hiper gentleman Luciano e a capa, a Biba e a Renata coopabacanas, a Adriana Bueno de novo comigo, a Mônica Tomasi pelas dicas, a Cláudia Pacheco, fono, pelo gogó, mais a Malu, a Teresa e a Eliete, q me ajudaram a manter cabeça e corpo funcionando nesse meio tempo, o pessoal querido da Lua Music (Vera, Izabel, Raquel, Junior, Alex, Julio, Edu e o Thomas), o Fernando Yasbek e a turma da Spin (Daniela, e antes a Edinise), o pessoal ótimo da UBC (a Leandra e o Adevaldo/SP, Jair e Wellington/Rio), o Alexandre e a turma da MCF, o atencioso Márcio Gomes e o pessoal da gerência de PJ do Itaú da Panamericana, a Lúcia Riff e a Miriam Campos da BMSR, a Adélia Prado e a poesia dela (e q poesia, hein?), o Dani e a cocalight diária, o Renatão e a master mediterrânea c/direito ao cafezão da Maria Helena, o meu parceiro palmeirista Osvado Colibri Vita, q me ligou c/a Antonella Fossati, q me ajudou no italiano de Toscana, mais o Kurt Vonnegut Jr. e o Santo Antônio. Os meus apoiadores, a Paula queridona (Gift Express), o Kako (Usina Sonora), o Will (Mellótica) e a Camisaria Nacional (o Ricardo e a Deborah). Ainda os meus interlocutores na Petrobrás, os sempre gentis Sérgio Laks, Ricardo Motta e Amanda Rodrigues, e o patrocínio inestimável do Programa Petrobrás Cultural.

Aos músicos, Tonho, Luizinho, Mano e Leandro, pelo carinho e a atenção q eles têm c/o meu trabalho.

E pro povo adorado lá de casa, Lu, Chico, Manu, Tim com seu violão e mais a Carol, q me aturam mesmo qdo eu tou gravando disco, força e alegria, pilotos de prova de canções, e mais Mãe e Pai q tão sempre ali por perto, espiando de coração.



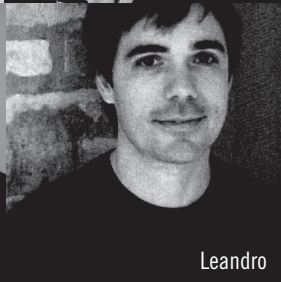
Luiz



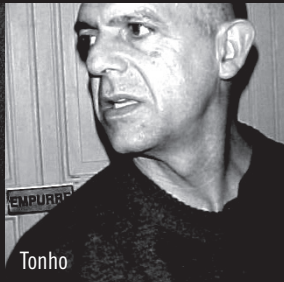
Mano



Mauricio



Leandro



Tonho

direção musical **Mauricio Pereira**  
coordenação de produção **Márcio Pereira**  
assistentes de produção **Biba Fonseca, Renata Moreira Ferreira**  
assessoria de imprensa **Adriana Bueno / Bueno Comunicação**  
assessoria jurídica **Cristiane Olivieri / Olivieri & Signorelli Advocacia**  
assessoria contábil **Alexandre Trindade Fontes / MCF**

gravação e mixagem **Dani Krotoszynski, no Waack Home Studio**  
masterização **Renato Coppoli, no Estúdio Zoing!**  
pré-produção **Mauricio Pereira, no Mocó**  
arranjos de base **Mauricio Pereira**  
projeto gráfico da capa **Luciano Pessoa / LP Estúdio**  
a foto da capa **Cristiano Mascaro**  
fotos dos músicos **Biba, Renata, Márcio**

óculos **Mellótica / [www.mellotica.com.br](http://www.mellotica.com.br)**  
camisas **Camisaria Nacional / [www.camisarianacional.com.br](http://www.camisarianacional.com.br)**  
equipamento adicional **Usina Sonora / [www.usinsonora.com.br](http://www.usinsonora.com.br)**  
edições assinadas de “Pra Marte” **Gift Express / [www.giftexpress.com.br](http://www.giftexpress.com.br)**

todas as músicas editadas por **Spin Music / [www.spinmusic.com.br](http://www.spinmusic.com.br)**  
(exceto a parte de Adélia Prado em “Pranto para Comover Jonathan”)

